

Painel 16 - Inclusão de práticas educomunicativas em projeto pedagógicos

Mediadora: Prof.. Dra. Maria Cristina Mungoli, Licenciatura em Educomunicação.

PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NO PROJETO JORNAL NA EDUCAÇÃO DA ANJ

Cristiane Parente de Sá Barreto

Jornalista; Professora; Doutoranda em Comunicação no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Braga/Portugal), Máster em Comunicación y Educación pela Universidad Autónoma de Barcelona; Mestre em Educação

pela UnB; Sócia-Fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação - ABPEducom; Coordenadora do Blog Mídia e Educação (culturamidiaeducacao.blogspot.com). E-mail: cristiane.parente@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta duas experiências relevantes de Educomunicação no Programa Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais, tendo em vista a possibilidade de sua adaptação em diferentes contextos e os resultados positivos para educadores, educandos e toda a comunidade envolvida. A partir desses trabalhos é possível perceber a mudança de comportamento de alunos em relação ao contexto em que vivem, mostrando o quanto a escola tem um papel fundamental na educação para a cidadania, incluindo-se aí o olhar para a comunicação enquanto direito humano.

Palavras-chave: Educação; Jornal Escolar; Cidadania; Narradores; Participação

Começamos nosso artigo com duas histórias, fruto de dois projetos do Programa Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais (que pode ser conhecido no site www.anj.org.br/jornaleeducacao) quando ainda éramos sua coordenadora nacional. A partir delas fazemos uma reflexão e esperamos que você, leitor, possa sentir-se estimulado a levar esses exemplos de Educomunicação não apenas para a sua sala de aula, mas para o Projeto Político Pedagógico da escola, para que se torne efetivamente um conceito com o qual todos possam lidar nas mais variadas disciplinas. Da mesma forma, esperamos que o texto possa ser igualmente instigante para jornalistas, sejam eles de Redação ou não, porque acreditamos que a Educomunicação pode estar presente no nosso dia a dia, quaisquer que sejam os cargos que ocupemos.

Uma comunidade pomerana no Espírito Santo começa a sofrer os impactos da especulação imobiliária e as casas de madeira típicas do lugar começam a desaparecer pouco a pouco. A parceria entre a redação do jornal A Gazeta (ES), os professores e alunos de uma escola da região e o Programa A Gazeta na Sala de

Aula muda essa história. A partir das formações que o programa oferece, professores começam a usar as matérias do jornal sobre o tema de forma a provocar debates na escola, não apenas sobre o texto jornalístico, mas sobre o envolvimento de cada membro daquela comunidade enquanto cidadão responsável pelo que estava ocorrendo com a cultura local.

Bingo!!! Alunos e professores iniciam uma revalorização da história pomerana, vão às ruas e conclamam a comunidade a refletir e a parar aquele processo. Tudo

acompanhando de perto pelo jornal, que alimenta as reflexões, o debate e gera um círculo virtuoso com mais matérias sobre o tema.

Em Itahum, distrito rural a cerca de uma hora de Dourados (MS), e com apenas 4,5 mil habitantes, a Escola Estadual Antônio Vicente Azambuja faz uma parceria com O Progresso, de Dourados, e seu programa “Ensinando e Aprendendo a Ler o Mundo”. A partir dele, os alunos passam a receber o jornal na escola e todos os professores começam a trabalhar em suas disciplinas as notícias, imagens, publicidade, artigos do periódico. Um professor de português, com apoio da direção e coordenação, cria em sua disciplina o projeto “Repórter por Um Dia”, no qual alunos do 9º ano saem pelo distrito entrevistando moradores sobre os problemas locais e criam um jornal mural e escolar.

A partir desse trabalho, Itahum passou a ter visibilidade e voz, já que, com o jornal escolar, os alunos passaram a reivindicar seus direitos e fizeram da escola um lugar central na comunidade, assim como de seu jornal, o veículo de comunicação local. Muitos dos adolescentes envolvidos no projeto tiveram a oportunidade de pegar num jornal pela primeira vez a partir dessa parceria com O Progresso. O projeto tem possibilitado ainda novos olhares e discursos sobre o distrito, uma conscientização política por parte dos alunos, uma aprendizagem colaborativa e uma postura cidadã.

Reconhecendo o trabalho da escola, que passa a agendar a grande mídia, o jornal O Progresso cria em suas páginas uma coluna semanal chamada “Itahum Fatos e Fotos”, escrita pelos alunos. Problemas antes nunca levados muito a sério por políticos locais, quando expostos em um grande jornal, da segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul, com cerca de 198mil habitantes, tiveram uma nova amplitude. Alunos conseguiram produzir um discurso sobre Itahum, sendo autores e sujeitos de sua própria aprendizagem, encontrando novos caminhos para a formação de suas identidades, criando um novo roteiro para suas aprendizagens.

Escola, comunidade, grande imprensa e jornal escolar fizeram uma parceria que tem dado resultados e formado uma nova geração, quem sabe, de representantes políticos de Itahum.

Importante ressaltar que para nós a solução dos problemas apresentados em cada história acima não é o mais importante, e sim, o processo. Ambos projetos retomam, a nosso ver, o método das Aulas Passeio de Freinet (1974), reconhecendo que o interesse do aluno pode estar fora da sala de aula, na própria comunidade. E tem transformado as aulas em momentos mais interessantes para o aluno, como percebemos nos depoimentos abaixo colhidos com dois alunos de Itahum:

“As aulas estão bem mais diferenciadas agora. A gente não fica só dentro da sala de aula. Eu tenho melhorado a caligrafia, a produção de texto e discutido sobre Itahum”.

“A gente não escreve mais só pra tira nota, mas pra melhorar o Itahum, né?”

1. Sobre o jornal na escola

Sabemos que a utilização do jornal na escola não é algo novo. Segundo Ramos (2006) podemos encontrar defesas desse tipo de ação pedagógica em editoriais de jornais ainda no século XVIII. Em 8 de junho de 1785, por exemplo, o jornal *Eastern Herald*, no estado de Maine (EUA), publicou um artigo defendendo o jornal como instrumento que poderia melhorar a leitura dos alunos nas escolas e oferecê-los uma enorme variedade de conhecimentos. A partir do séc. XX tanto o uso de jornal na escola quanto a defesa em torno dessa prática pedagógica tornam-se recorrentes. E além do uso do jornal da grande mídia - como recurso pedagógico auxiliar às disciplinas da escola e como apoio à leitura - os avanços das tecnologias, mídias e da própria escola vão fazendo com que um novo uso do jornal surja no horizonte educacional: a autoria.

Vale ressaltar que entendemos autoria como Fantin:

“[...] no sentido da criação, de reconhecer-se e compreender-se sujeito de seu próprio processo de formação e da história [...] Autoria que produz e se expressa nas mais diversas linguagens construindo entendimentos que podem ser compartilhados. Autoria que deixa marcas, que fala de si e do outro, que registra, dá visibilidade e reescreve a história”. (2008, p.1)

As experiências de autoria de jornal estudantil (criado pelos próprios alunos), já defendido por autores como Freinet (1974), Mello (1986), Korczak (1997), Ijuim (2000), Faria & Zanchetta (2002), Isaías (2009) e Bonini (2011) para ficarmos apenas em alguns, são:

“(...) possibilidades de se educar para uma produção ética e responsável da palavra; para conhecer o mundo em que se habita, ser um leitor crítico da palavra, da imagem, do mundo; perceber como muitas vezes a visão que temos de nossa realidade é não só mediada pela linguagem, mas mediatizada. Daí a importância de desnaturalizar esse mundo representado pela mídia, fazer novas leituras e acrescentar a própria.” (2012, BARRETO)

Segundo Isaías: “Celéstin Freinet defendia o lugar da imprensa na escola, com a convicção de que o ofício de ensinar tinha sentido quando a criança vivia o meio e assim podia pensar em sua transformação”. (2009, p.20)

O jornal escolar também é defendido por Melo (1986) como uma forma de aproximação professor-aluno, horizontalizando as relações e alternando os papéis de educador-educando, além de possibilitar espaços de debates sobre temas de interesse dos alunos. E, acrescentamos, com tudo isso, facilitando a criação de ecossistemas comunicacionais, em direção à Educomunicação.

Segundo nossas experiências e pesquisas, o aluno que escreve não para receber nota, não para um professor apenas, mas para ser lido por seus pares e até uma comunidade inteira, torna-se mais crítico com o que escreve, mais responsável com o conteúdo que será publicado, assumindo sua postura de narrador (no conceito Benjaminiano do termo) e ajudando a tecer o presente. Essa postura pode ser estimulada com a leitura de forma crítica e criativa dos jornais e outras mídias na escola, fazendo com que os alunos compreendam o processo de produção de uma mensagem.

Os jornais na perspectiva de Paulo Freire (1996) teriam importância fundamental por divulgarem os temas e acontecimentos da sociedade, sendo assim um recurso para educadores e educandos (re) elaborarem sua visão crítica de mundo. Para Freire “(...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Como os meios produzem um modo e um sentido das pessoas verem o mundo a sua volta, no momento em que a escola estimula a leitura crítica desses meios e ainda a produção de veículos alternativos, acreditamos que ela está contribuindo para o fortalecimento de identidades individuais e coletivas, para o sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura e o exercício da cidadania. Ou seja, a escola teve um papel de desenvolvidora de “mentalidades participativas”, segundo Bordenave (1994), que destaca:

“A participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder. Quando se promove a participação deve-se aceitar o fato de que ela

transformará as pessoas, antes passivas e conformistas em pessoas ativas e críticas.” (1994, p. 77)

Cerquier-Manzini também ressalta que só existe cidadania se existe a reivindicação da apropriação dos espaços, da garantia dos direitos em prol de uma sociedade melhor. “Mas o primeiro pressuposto dessa prática é que esteja assegurado o direito de reivindicar os direitos, e que o conhecimento deste se estenda cada vez mais a toda a população”. (2010, p.13)

“Isso tudo tem resultados mais positivos e a qualidade da participação é maior quando os cidadãos aprendem a conhecer a sua realidade, participando a partir de vivências, porque “só se aprender a participar, participando” (Bordenave, 1994, p.73) e, na medida em que grupos vão intensificando o debate acerca de problemas locais, precisarão cada vez mais do domínio dos meios e de técnicas de comunicação grupal, segundo Bordenave.” (2012, BARRETO)

Aprendizagens

Nas duas histórias entendemos que além do ganho com a leitura e escrita, os alunos de ambos projetos acabaram por ter aprendizagens fundamentais baseadas nos quatro pilares da educação do Relatório Jacques Delors (2006): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Aprendizagens que ultrapassam a visão de uma educação instrumental, mas encontram eco numa educação considerada em toda sua plenitude.

Ouvir o outro, estar aberto ao novo, ao diferente, compartilhar opiniões, ter que aprender a conviver com as críticas, ser lido, trabalhar em grupo, combinar papéis, ações, refletir juntos, procurar solucionar conflitos. O trabalho com o jornal possibilitou aos alunos aprender a conviver juntos, dialogar, questionar e construir identidades individuais e coletivas (...) Possibilitou aos alunos amadurecer em conjunto, como ainda está possibilitando um olhar para dentro de si e para o outro. Um conhecer-se para conhecer e quem sabe, transformar, juntos. (2012, BARRETO)

Por fim, ressaltamos que, a partir do momento em que esses alunos produzem um discurso e, no caso dos alunos de Itahum, apropriam-se de um

veículo de comunicação para enunciá-lo, estão produzindo também um lugar a partir de seu olhar, como faz o jornalista com seu recorte, edição, omissões.

“E o direito a um lugar é também o direito de ser seu contador de histórias, narrador e cronista de um tempo, de personagens anônimos que constroem juntos a alma e as experiências desse lugar.” (2012, BARRETO)

Referências:

- BARETO, Cristiane Parente de Sá. **Comunidade, escola, jornal escolar: Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2012. Acesso: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12413>
- BELLONI, M.L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BONINI, Adair. **Jornal escolar: Gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, p.149 – 175, 2011
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Participação**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é Cidadania**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010
- DELORS, Jacques (coord.). **Educação: Um tesouro a descobrir**. São Paulo/Brasília : Cortez/UNESCO/MEC, 1998.
- FANTIN, Mônica. A mídia na formação escolar de crianças e jovens. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal/RN. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/UFRN/Uern/UnP/Fatern, 2 a 6 de setembro de 2008/Organizado por Maria do Carmo Silva Barbosa e Moacir Barbosa de Sousa. São Paulo: Intercom, 2008
- FREINET, Celéstin. **O jornal Escolar**. Lisboa: Editorial Estampa. 1974
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- IJUIM, Jorge Kanehide . **Jornal Escolar – Do instrumento didático ao instrumento complexo**. Eccos Revista Científica, 2(2). São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho, dez. 2000, pp. 115-121. Disponível em: <http://www.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/229/226>>. Acesso em: 12 março de 2011.
- ISAÍAS, Marcela. **Por qué y para qué leer el diario en la escuela?** Rosario: Homo Sapiens, 2009
- MELO, Patrícia Mansão. **Uma nova proposta de jornal escolar**. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986
- RAMOS, Ana Maria Cocentino. **Virando a Página – O Jornal na Sala de Aula**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.